

## FINANÇAS

# Para analistas, nervosismo não abala economia

*Eles acreditam que o caso Eduardo Jorge não afetará o crescimento sustentado*

MÁRCIA DE CHIARA  
e ANGELO PAVINI

A instabilidade política, provocada por denúncias de envolvimento de autoridades na liberação de verbas para a obra superfaturada do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo, não deve contaminar o cenário econômico positivo de longo prazo. Na avaliação de economistas, esse episódio não tira o País da rota de crescimento sustentado, marcada por inflação e juros declinantes, exportações e emprego em alta, investimentos crescentes e superávit das contas públicas.

Até mesmo o reflexo de curto prazo no mercado financeiro é hoje de menor magnitude em relação ao registrado em outras crises, como a da Ásia, em 1997, e a da Rússia, em 1998. O índice que mede a relação entre o endividamento e o patrimônio das instituições financeiras é menor, explica o economista-chefe do Banco Inter American Express, Marcelo Allain.

Com isso, o efeito da propagação de uma crise nos mercados financeiros diminui e as perdas se reduzem, concordam outros especialistas consultados pelo Estado, como o economista-chefe do Banco Bilbao Vizcaya Brasil Octavio de Barros, o economista da consultoria MCM Nilton Rosa e o economista da Tendências Consultoria Integrada Fábio Akira. Atualmente, as instituições, em média, assumem dívidas equivalentes a 9 vezes seu patrimônio, diz Allain. Em 1994, esse índice

era de 12,5 vezes.

Um exemplo dessa propagação menos intensa dos efeitos de uma crise nos mercados é o comportamento da Bolsa de Valores de São Paulo. Ontem o Ibovespa fechou com alta de 2,65%, recuperando boa parte da queda de 3,57% registrada no dia anterior. No auge da crise russa, na semana entre 24 e 28 de agosto de 1998, quando houve a desvalorização do rublo, o Ibovespa recuou 14,28%, sem sinais de recuperação imediata.

**Risco Brasil** – “À primeira vista, a impressão que se tem é que esse episódio político não trará grandes seqüelas para a economia”, diz Barros. Na sua avaliação, a crise pode adiar um pouco a melhora do risco Brasil. Este indicador é medido pelo título da dívida externa brasileira no exterior, o C-Bond, que fechou ontem a 74,31 centavos de dólar para cada dólar de valor de face.

Para o diretor de Tesouraria do BBA Creditanstalt, José de Menezes Berenguer, o impacto das denúncias é limitado mesmo no mercado financeiro. Como exemplo ele cita o fato de o C-Bond, papel mais negociado da dívida externa, ter se mantido acima de 74 centavos de dólar apesar do nervosismo.

A curva de juros pagos pelos papéis brasileiros no exterior apresentou pouca variação e, mesmo internamente, a alta das taxas não foi expressiva. “Houve uma certa histeria mas o clima em geral é de muita tranquilidade, os fundamentos do País estão muito bons e ninguém vai

contra os fundamentos”, ressalta Berenguer. Ele cita os bons resultados fiscais, a forte entrada de financiamentos diretos e a inflação baixa como fatores que impedem uma turbulência maior.

“A contaminação dessa crise é pequena e não chega prejudicar a economia”, diz Allain, destacando os bons resultados alcançados com os índices de inflação e o desempenho surpreendente, segundo ele, das contas públicas do governo. O economista ressalta também que o risco dessa crise é pequeno porque o capital de curto prazo, que é mais vulnerável às instabilidades políticas, representa hoje muito menos do que em 1998, na época da crise da Rússia.

**Termômetro** – Para Akira, da Tendências, essa crise “é passageira” e, a menos que apareça um fato novo, não deve provocar estragos na economia. Ele explica que o câmbio, o grande termômetro desses episódios, apresentou ontem tendência de estabilidade.

“Com o câmbio flutuante a economia ficou menos propensa a choques”, afirma Rosa, da consultoria MCM. Na sua avaliação, o episódio pode afetar o preço de um outro ativo do mercado financeiro mas é insuficiente para reverter o processo de recuperação da atividade econômica. “O mercado financeiro reage às circunstâncias emocionalmente”, destaca o economista.

Para Rosa, não se pode fazer uma analogia da crise política atual com os episódios da Ásia em 1997 e da Rússia em 1998, de maior magnitude, que tiveram um impacto expressivo na economia brasileira a ponto de interferir no fluxo de capital estrangeiro para o País.

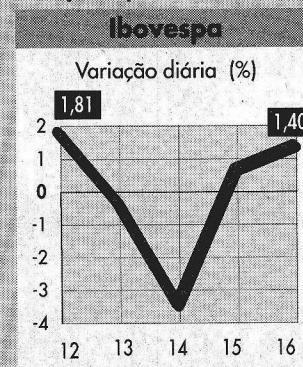
## IMPACTO NA BOLSA FOI MENOR DO QUE EM 1998

### IMPACTO IMEDIATO

Reflexo das crises na bolsa e nos títulos da dívida brasileira

#### ÁSIA 1997

Ataque especulativo ao baht tailandês, em 14 e 15 de maio



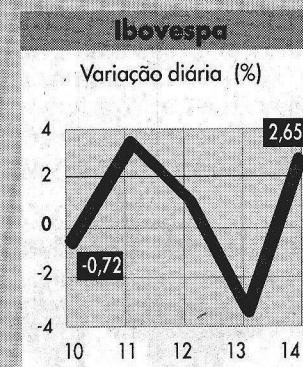
#### RÚSSIA 1998

Desvalorização do rublo, entre 24 e 28 de agosto



#### BRASIL 2000

Caso Eduardo Jorge, em julho



Fonte: Bovespa, Tendências Consultoria